



FG + SG | Architectural Photography

## • JORNAL GYPTEC #1 • FUNDAÇÃO NADIR AFONSO •

Deitado paralelamente ao Tâmega, na sua margem direita, sobre antigas hortas que corriam nas traseiras da Avenida 5 de Outubro até à Canelha das Longras, vendo a serra do Brunheiro por pano de fundo, nasceu um edifício comprido, em betão branco, desenhado pelo Arquitecto Álvaro Siza, que albergará a Fundação Nadir Afonso, em Chaves.

Nadir Afonso (Chaves, 1920 – Cascais, 2013), o mais relevante artista flaviense contemporâneo, entendeu deixar grande parte do seu espólio na cidade que o viu nascer. A Câmara Municipal e a Fundação Nadir Afonso, propuseram a candidatura do Projecto ao Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), obtendo, assim, financiamento para a aquisição dos terrenos, construção e equipamento do edifício.

Pintor, arquitecto e também filósofo, para além de um apaixonado pela geometria e pela cinética, Nadir Afonso diplomou-se, a contra gosto, em Arquitectura, na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, em 1944. Em 1946 partiu para Paris

com o objectivo de estudar pintura. Matriculou-se na École des Beaux Arts, tendo obtido, graças à intervenção de Cândido Portinari, uma bolsa do Governo francês. De 1946 a 1948, e depois, de novo, em 1950, colaborou com Le Corbusier, mantendo, em paralelo, a sua actividade como pintor, frequentando, para tal, o atelier de Fernand Léger. Entre 1951 e 1954 trabalhou no Brasil como colaborador de Oscar Niemeyer. Nesse ano, regressou a Paris, reaproximando-se dos artistas mais ligados à arte cinética, entre os quais Victor Vasarely e publicou estudos inovadores sobre pintura a que deu o nome de Espacillimité. Colaborou mais tarde, ainda, com Georges Candilis, antes de voltar a Chaves, no início dos anos de 1960, onde desenvolveu actividade profissional liberal e também ao serviço da autarquia. A partir de 1965, abandonou definitivamente a arquitectura para se dedicar exclusivamente à sua obra artística e às suas reflexões teóricas.

O edifício da Fundação, de uma enorme plasticidade, quase cego no seu alçado noroeste, ergue-se do leito de cheias, que são os terrenos

da beira rio onde se implanta, sobre uma série de lâminas transversais de irrepreensível betão branco. Rasga-se de janelas longamente horizontais para o lado do Tâmega, de onde se soltam novelos de nevoeiro nas manhãs de inverno. As suas salas iluminam-se com a luz doce que vem com o adiantar do dia e que um lanternim longitudinal complementa, fazendo chegar, por detrás de tijolo de vidro, luz zenital translúcida. Por baixo, as lâminas alegram-se com passagens desencontradas que são arcos rasgados nas geometrias primárias que tanto interessavam Nadir: quadrados, semicírculos, triângulos.

Conversámos com Álvaro Siza no seu atelier no Porto. Na nossa frente, os desenhos e maquetas do Edifício da Fundação e um Arquitecto cada vez mais entusiasmado com a obra, os significados da obra e os resultados da obra, em pacificação absoluta com o processo de criar beleza útil, processo que, também para si, como no caso de Nadir, permanece misterioso, insondável, mas absolutamente necessário para nos garantir o sentido da vida.



MGD – Pressuponho que o convite para desenhar o edifício da Fundação, tenha partido do próprio Arquitecto/Pintor Nadir Afonso; gostava que nos explicasse, quando e como o conheceu.

AS – Não o conhecia antes. Só o conheci (pessoalmente), quando fui chamado a fazer o Projecto. Fernando Távora é que o conhecia bem, eram do mesmo curso. Julgo que foi Nadir Afonso quem decidiu convidar-me; o projecto foi feito para a Câmara Municipal de Chaves e como eu nunca tinha trabalhado para aquela Câmara, nem conhecia lá ninguém, penso que terá sido uma decisão de Nadir.

MGD – Construíram a V. relação só a partir daí, portanto?

AS – Estivemos juntos, em várias ocasiões, nas reuniões na Câmara, por exemplo, e veio ao Porto, numa altura em que teve aqui uma Exposição, mas não chegámos a criar uma intensa relação pessoal.

MGD – Nadir, enquanto Arquitecto, colaborou com Le Corbusier e Oscar Niemeyer, mas depois de alguns anos a trabalhar sozinho, em Chaves, sua terra natal, desistiu da arquitectura. Em que termos é que discutiu consigo o futuro projecto? Como lhe passou o programa?

AS – Foi do modo mais simples que se possa imaginar; não interferiu, não fez exigências... disse apenas que gostava do projecto quando eu lho apresentei.

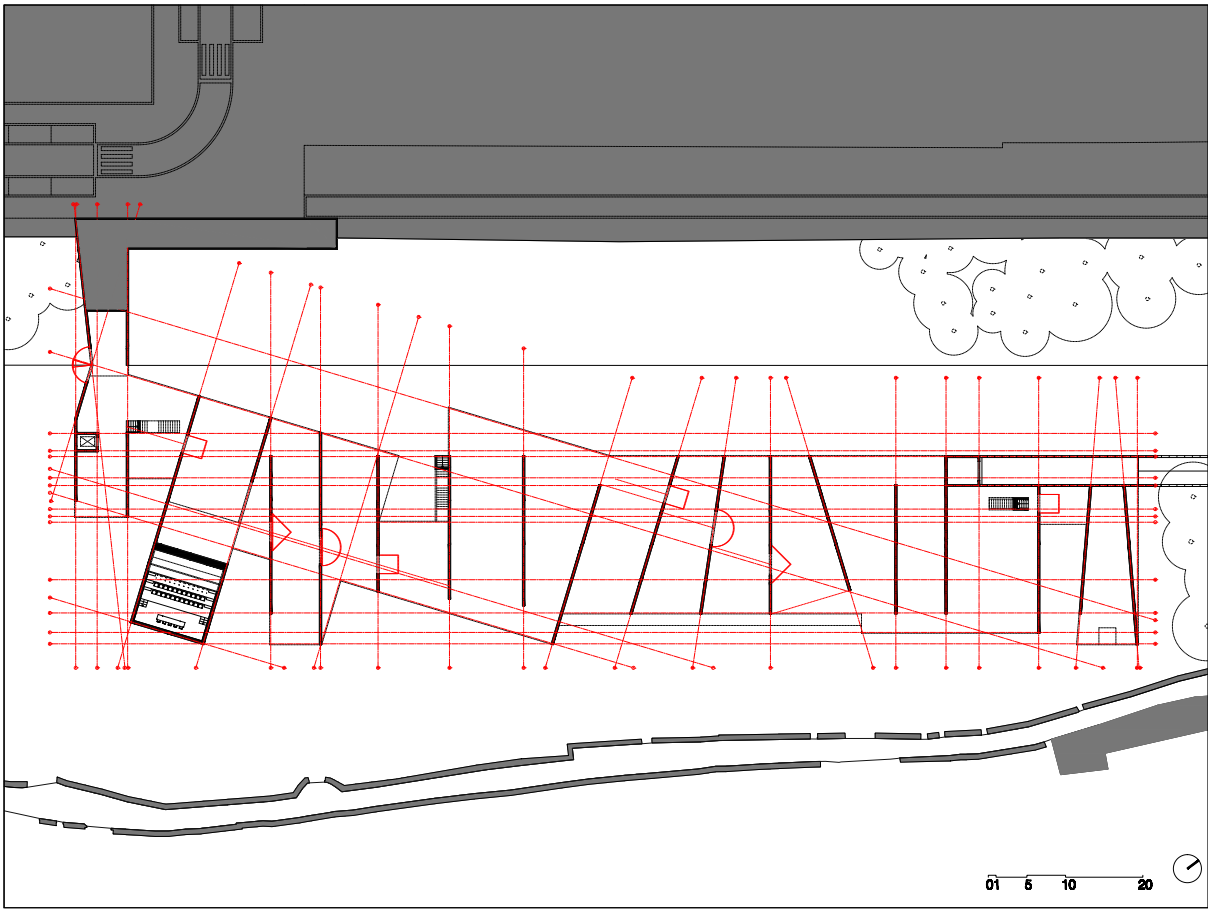
Das conversas que mantivemos, lembro-me de me ter referido, “Eu, Arquitectura? Nem pensar! Uma chatice!”. Achava mesmo que a Arquitectura não seria uma arte... Como se dedicou à pintura, não estava interessado; não significa que desprezasse a Arquitectura, mas não era pessoa para dizer, “Ah, o projecto é magnífico!” ou qualquer coisa do género; era muito sóbrio, nesse aspecto. Mas recebeu muito bem o projecto.

Fui uma vez à casa de Chaves, para ver a sua pintura. Estive a ver uma série de quadros, dimensões, etc. Mas Nadir não discutiu, sequer, o tipo de ambiente que pretendia; confiou! Foi a mais tranquila das relações!

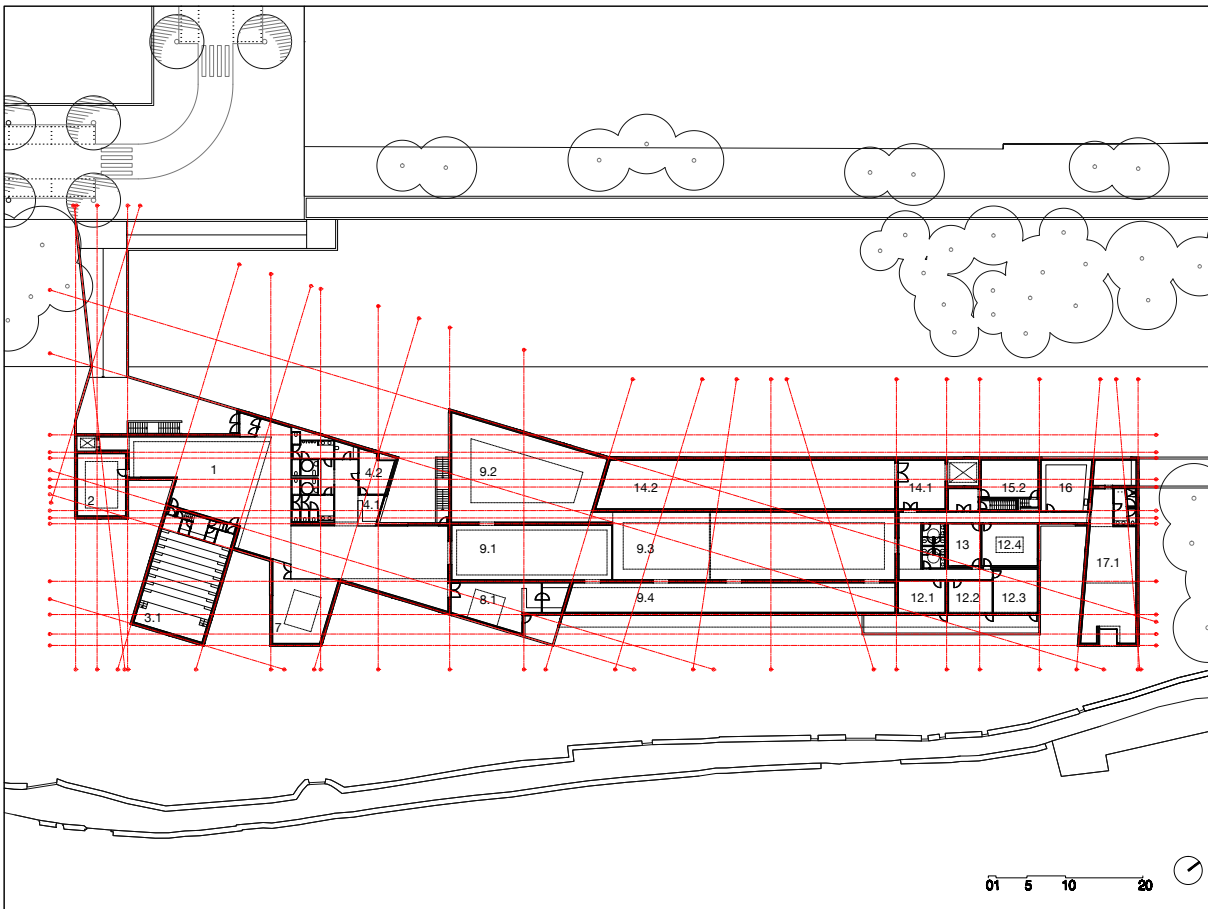
MGD – Então quem lhe estabeleceu o Programa? A Câmara?

AS – O Programa, na prática, fi-lo eu, depois de ouvir Nadir Afonso; a Câmara apenas me forneceu um Programa mínimo...

O projecto de museu que fiz com maior acompanhamento e com diálogo constante durante a sua execução, foi o de Amsterdão; até porque me identifiquei muito com o Rudi [Rudolph]



Piso 0

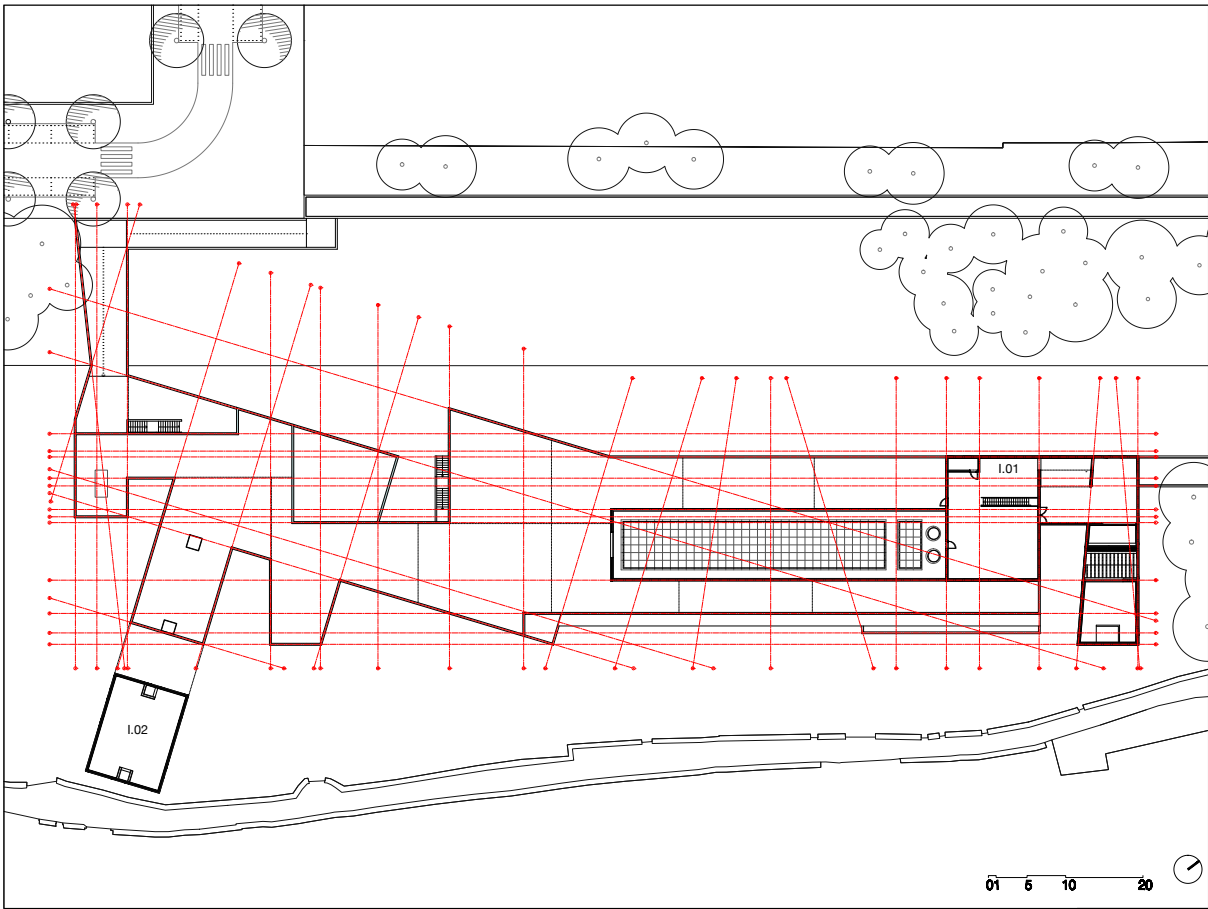


Piso 1

Fuchs<sup>1</sup>. Muitas das suas ideias eram semelhantes às minhas, muitos pormenores: gostar da luz, gostar de portas não muito grandes, não monumentais... Uma vez até, temeroso das consequências, perguntei-lhe, “então, mas se quiser colocar aqui um grande Richard Serra?” – “O Serra tem coisas

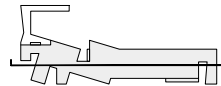
- |     |                      |      |                                |
|-----|----------------------|------|--------------------------------|
| 1.  | Foyer/Recepção       | 12.1 | Gabinete da secretária         |
| 2.  | Biblioteca           | 12.2 | Gabinete                       |
| 3.1 | Auditório            | 12.3 | Gabinete do director           |
| 4.1 | Balcão do vestiário  | 12.4 | Sala de reuniões               |
| 4.2 | Vestiário            | 13.  | Sala de pessoal                |
| 7.  | Loja                 | 14.1 | Recepção dos objectos          |
| 8.1 | Cafetaria            | 14.2 | Arquivo                        |
| 8.2 | Balcão               | 15.2 | Centro de controlo e segurança |
| 8.3 | Copa                 | 16.  | Atelier de Artes Plásticas     |
| 9.1 | Antecâmara           | 17.1 | Atelier Nadir Afonso           |
| 9.2 | Exposição temporária |      |                                |
| 9.3 | Exposição permanente |      |                                |
| 9.4 | Exposição permanente |      |                                |

1. Crítico e historiador da Arte; Director do Stedelijk Museum, em Amsterdão, entre 1993 e 2003.



Piso 2

- Piso técnico**  
L.01 Espaço técnico  
L.02 Espaço técnico



Corte longitudinal

grandes e pequenas; se vier com uma coisa muito grande, digo-lhe para ir para outro museu!”. Era um tipo extraordinário; gostava de rodapés... Não sacralizava o espaço da arte.

Com Fuchs, conversei muito. Não foi por essa razão, claro, mas a obra acabou por não se construir... Um pouco, talvez, por ser um tipo muito vivo, sem “papas na língua”, foi criando anti-corpos. Geria as coisas muito bem, mas houve mudanças políticas na cidade; entretanto, teve um problema, um acidente gravíssimo que o imobilizou durante um ano, e acabou por ser substituído.

MGD – Mas esse trabalho foi muito antes deste projecto da Fundação...

AS – Foi bastante antes; antes da Fundação Nadir Afonso [2003-2015], eu já tinha feito alguns museus. Santiago de Compostela<sup>2</sup> foi o primeiro,

depois, Serralves<sup>3</sup>, tinha feito esse projecto para Amsterdão<sup>4</sup>, fiz também, mas já depois de Amsterdão, o Madre, em Nápoles, que implicou a recuperação de um palácio<sup>5</sup>; para este Madre, conversei também bastante com o Director. E fez-se! A mudança política também chegou, o Director foi substituído, mas, entretanto, o Museu já estava feito, inaugurado e a funcionar muito bem!

Aqui, no caso do Projecto da Fundação, foi realmente uma relação muito tranquila com Nadir Afonso e não houve exigências; dizer, “não gosto disto ou daquilo”, nunca aconteceu.

MGD – O sítio das Longras, onde se situa o edifício da Fundação, ao longo da margem direita do Tâmega, estava reservado, no PDM de Chaves, para a construção de equipamento, segundo me

3. Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves, Porto, 1991-1999.  
4. Restauro e ampliação do Stedelijk Museum, 1995.  
5. Museo d'Arte Contemporanea Donna Regina, 2005-2007.

parece. Em todo o caso é um terreno sujeito a cheias (e, daí, a sua opção por levantar praticamente todo o edifício do solo, permitindo um espaço sob o construído). Agora que tem visitado Chaves mais vezes, escolheria de novo aquela localização?

AS – A minha primeira reacção, em relação ao local, foi dizer que a Fundação não deveria fazer-se ali. Havia a questão das cheias; como tal, dever-se-ia procurar outra situação. Mas tanto a Câmara como o próprio Nadir, queriam, realmente, que a Fundação ficasse naquele sítio. Já havia uma intervenção do Polis, com um arranjo da margem e que implicara a manutenção de um caminho existente, bem como umas ruínas que pedi, então, encarecidamente, que ficassem. Na realidade, a minha primeira ideia foi que não se deveria construir num sítio inundável, sujeito a cheias, na beira de um rio. Mas a Câmara dizia que tinha que ser...

Cheguei a colocar o problema: provavelmente, seria difícil fazer aprovar, ali, um qualquer projecto (e, na verdade, o próprio Plano Polis incluía uma piscina, imediatamente a seguir à Fundação, e esse projecto já não foi autorizado!). O projecto da Fundação, no entanto, foi aprovado...

MGD – Creio que o Plano Polis previa algum equipamento ao longo da margem...

AS – Só sei dessa tal piscina, não sei de muito mais...

Perante a obrigação de construir (mas com gosto, claro!, pus o problema para não ser mais tarde acusado de não ter avisado), e já que assim era, propus levantar o edifício, sobre uma série de lâminas de betão, e iniciar o acesso a partir da cota não inundável.

Há um acesso novo, que se abriu a partir da Avenida 5 de Outubro, mantendo a cota não inundável, até chegar à frente, a uma rampa, que permite se atinja o corpo elevado do edifício.

Depois, foi organizar o programa, os percursos, a imagem; já não me lembro muito bem das razões, mas o edifício acabou por ir nascendo, assim...

MGD – Visitei-o ainda em toscos — no Natal de 2013, creio —, e fiquei sem perceber como se organizará o percurso interior. Gostava que nos explicasse o modo como se circula dentro do conjunto.

AS – O programa mínimo foi combinado entre Nadir, a mulher, Laura (que está a ser muito activa neste processo), e a Câmara. O que me disseram foi que queriam ter zonas expositivas, uma cafeteria (pequena), um pequeno auditório e uma pequena biblioteca e, para além disso, um



pequeno atelier para ele, Nadir, que infelizmente não chegará a utilizar. Haveria ainda uma zona administrativa e a parte dos arquivos, com grande capacidade para guardar o acervo.

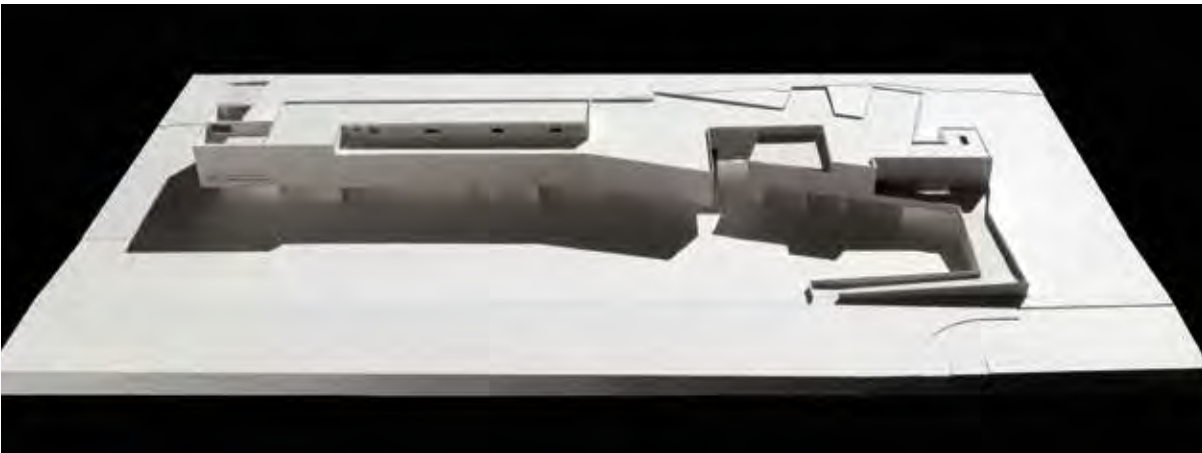
Depois, teriam que se estudar os acessos exteriores e, em relação a isso, já nem tudo foi completamente realizado. Estava já construída a nova ponte [de São Roque] e fui informado que haveria um acesso, à cota baixa, que conduziria a um parque de estacionamento, no topo nordeste do terreno.

Eu já tinha estabelecido que o volume seria paralelo ao rio e que a entrada se situaria onde ficou, orientada com o tal arruamento novo, que viria da Avenida 5 de Outubro. No topo sudoeste, muito perto do centro da cidade, havia a ideia, que acolhi, desenvolvi e aprovei vivamente, de se fazer um parque de estacionamento. Ficariam, assim, estabelecidos dois “ataques”, pelos topos. Infelizmente este estacionamento a sudoeste acabou por não se fazer e duvido que se faça. Seria importante, em todo o caso, porque apanha uma parte mais central da cidade e com o “ataque” a partir dos topos, a organização do jardim ficaria bastante mais coerente (quem o projectou foi o paisagista que trabalhou no Polis, o Arqtº Luís Guedes de Carvalho).

MGD – Ah, é por isso, então, que a nova rua acaba agora, depois da curva, num impasse um bocado misterioso...

AS – Desequilibra um pouco o conjunto e torna difícil compreender a prevista conclusão do remate, neste lado, na entrega à cidade a sudoeste.

Claro que continuará a existir um acesso [Canelha das Longras] e, nesse sentido, a ligação à cidade; e o estacionamento também continuará, informal e desorganizado. Dizem que seria difícil de aprovar um projecto de parque de estacionamento em terreno pouco permeável, pouco poroso e susceptível de alagar com as cheias. Mas já lá há uma série de casas!; seria um problema perfeitamente resolúvel.



Paulo Teodósio

Bom, perdido esse parque de estacionamento a sudoeste, havia que trazer as pessoas a partir do novo parque, no topo oposto; houve expropriações junto aos muros das propriedades que confinam com o terreno de modo a criar um caminho, a direito, de acesso à rampa que conduz à Fundação.

No lado sudoeste, eu tinha posicionado um elevador (punha-se o problema das pessoas de mobilidade reduzida que chegassem por esse lado, imaginando-se que ainda seria possível fazer o parque de estacionamento...). Para quem chegasse à cota baixa, haveria, então, um ascensor que conduziria à plataforma de entrada; propus uma zona calçetada e tudo isso está executado.

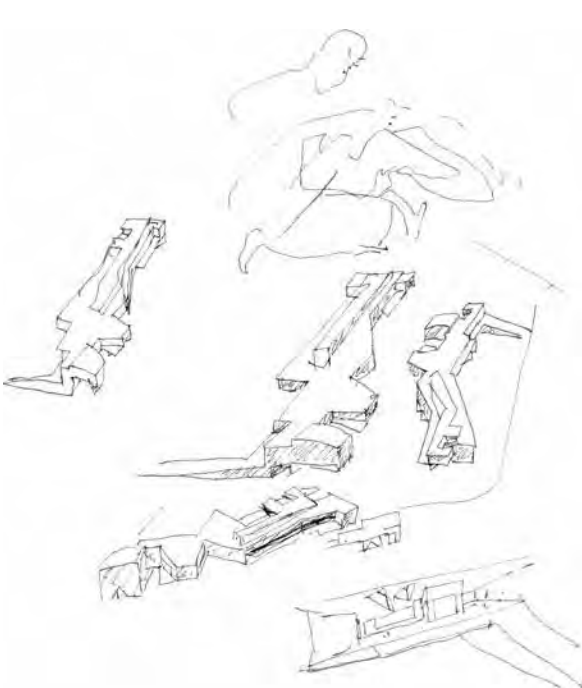
Consegui, pelo menos, que o passeio do novo arruamento, chegasse até ao fim. Entretanto, a Câmara pediu-me que desenhasse uma vedação para fechar o terreno, de modo a evitar vandalismos. Fizeram-se uns muros em pedra e para fechar, a solução será uma grade, com possibilidade de abertura completa, no acesso a partir da Avenida 5 de Outubro.

MGD – Para que não passem automóveis...

AS – Os automóveis e as pessoas, porque não querem lá ninguém à noite... O que é uma pena! Porque aquilo à noite, no verão, deverá ser maravilhoso! A parte de baixo do edifício... Bem, abrirão para alguma festa ou outra coisa assim, mas querem ter a possibilidade de se poder fechar. A sul, na ligação ao centro da cidade, haverá também um portão.

Ao longo da Canelha das Longras, o modo de vedar será mais natural; serão muros de pedra na continuidade das ruínas, com portas a fechar os vãos ainda existentes.

Os acessos de serviço, para cargas e descargas, são no topo nordeste, em ligação a um monta-cargas que sobe directamente para a zona de montagem de exposições, na continuidade do armazém/depósito.



© Álvaro Siza

Também foi pedida uma sala de exposições temporárias; coloquei-a lateralmente, com possibilidade de ficar isolada, mas também com hipótese de estabelecer continuidade com o espaço da grande sala; organizei uma outra sala, mais pequena, que poderá funcionar como ante câmara na sequência da sala grande; esta pode, obviamente, receber painéis a dividir aquele espaço todo. Quem está convidado como curador para a primeira exposição é Bernardo Pinto de Almeida; ainda não sei como imagina organizá-la.

As duas salas sequenciais têm a iluminação assegurada através de um grande lanternim. Há ainda uma galeria que corre em paralelo com a grande sala, uma galeria envidraçada sobre o rio, que serve para exposições de obras mais pequenas, mostras de fotografia, etc.

MGD – É um espaço, então, muito permeável.

AS – Permite várias valências. A sala temporária pode integrar-se com a exposição da sala grande ou permanecer autónoma, a ante câmara pode isolar-se da sala grande, a galeria pode conter exposições complementares...



Paulo Teodósio



FG + SG | Architectural Photography

Há também uma loja do Museu/Livraria (esqueci-me de referir), ao lado da cafetaria que se articula com o exterior através de um terraço sobre o rio. O auditório é pequeno, é normal, e ao lado, a biblioteca/centro de estudo. A ligar todos estes espaços, um átrio, relativamente grande, para onde se poderão prolongar as exposições.

MGD – As lâminas, em baixo, coincidem com as paredes principais que vão conformando os diversos espaços?

AS – As lâminas são muitas! Algumas coincidem com divisões principais no interior e, de um modo geral, vão estabelecendo relações com os limites do terreno. Há uma série de aberturas, arcos (redondos, triangulares, quadrados) e há alguns enfiamentos visuais, não contínuos, que se interrompem nas zonas das escadas, voltando a aparecer, depois, noutras sequências.

As torções resultam muito de um estudo feito com as maquetas, procurando criar relações não muito óbvias, nos espaços definidos entre as diversas lâminas, mas foi tudo muito trabalhado com o [Engenheiro] Jorge Silva.

Eu não queria, sobretudo, é que os suportes do edifício resultassem da aplicação de uma simples grelha, de uma malha, mas que tivessem uma relação forte com a própria articulação no interior do espaço.

A forma é muito racional, de certo modo; mas, por outro lado — e lembro-me que fiz muitos esboços, naqueles momentos em que já se sabe como é o grosso do projecto e nos podemos permitir fazer variações, tentar outras soluções de

pormenor —, a torção das lâminas tem também a ver com a evolução dessa experimentação em desenho.

Esta implantação tem qualquer coisa de figura humana: na zona do atelier, estariam os pés, em cima, na biblioteca, a cabeça... Também me foi surgindo a ideia de ajustar o conjunto à figura humana; a figura humana auxilia muito o desenvolvimento das formas por ser, a um tempo, uma coisa natural e racional; e que contém o movimento.

À volta do edifício, vai haver prado... e árvores; por baixo, junto às lâminas, como irá estar em sombra, o que iremos propor será hera.

MGD – Embora seja um material que não constitui uma novidade – foi abundantemente utilizado em Portugal, pelo menos, a partir dos anos de 1950 e 1960 –, parece-me que será a primeira vez que o utiliza; refiro-me ao tijolo de vidro que preenche as laterais do enorme lanternim que coroa os espaços maiores do conjunto. A que se fica a dever esta escolha?

AS – Sabe qual é a razão principal? Eu tenho muitas aberturas no alçado voltado ao rio, aberturas de grande horizontalidade; são baixas e compridas... e só com vidros fixos ou de correr. Utilizei, praticamente, a máxima dimensão possível nos vidros (têm cerca de 6,00 m); como tal, os caixilhos verticais, aparecem de onde em onde, sem quebrar a horizontalidade.

Em cima, no lanternim, aborrecia-me ter divisórias! Porque a horizontalidade, neste caso, não viria só dos vidros, mas das próprias formas, muito

deitadas sobre a cobertura. Lá em cima, não me interessava nada essa interrupção. Pensei, então, que poderia colocar tijolo de vidro. E o resultado, também em termos de reflexos, é interessante.

MGD – E à noite, deve ser muito bonito, com luz no interior, quase como um farol!

AS – Se bem que a parte mais bonita deste projecto, para mim, seja em cima, no forro da sala; quando lá fôr, tem de ir ver. É um “sotão”; anda-se de pé, há uns pórticos metálicos, um carrinho para fazer a limpeza dos vidros, e a combinação dessas estruturas com a luz, faz-me gostar daquela zona. Gosto destes espaços onde não é suposto andar o público; parece que estamos mais à vontade a projectar. Uma situação de que gosto, em Serralves, é a do falso entre os tectos do Auditório!

MGD – Ah! É espantoso esse espaço!

AS – Conhece? Bom, aí é que se percebe que a liberdade é muito maior nos espaços que não estão destinados ao uso público... Não entra a ergonomia!

MGD – Já nos explicou os arranjos exteriores, mas há uma coisa que ainda não percebi; existe uma casinha, no meio do que serão os jardins, muito bonita, mas tão pequena, que também não parece caber lá ninguém...

AS – Isso foram as experiências para o betão; os testes para afinação do betão branco!

MGD – Ah! Que maravilha!

AS – No fim, iam para a demolir mas eu disse-lhes, “não, não!, deixem-na ficar, que acho graça...”

MGD – Realmente aquilo tem um certo ar escultórico! Para os garotos deve ser muito divertido andarem por ali a brincar...

AS – Ainda é uma situação mais liberta que a dos espaços de sótão que referi... Foram experiências; um dos grandes trabalhos da engenharia, nesta obra, foram esses cuidados com a experimentação.

Disseram-me que a Fundação Iberê Camargo<sup>6</sup> tinha sido o primeiro edifício em betão branco feito no Brasil. Não sei se é verdade. Mas sei que houve muito cuidado, que houve que recorrer a muitas experiências sobre a composição do betão, cofragens etc., antes de se avançar para a execução definitiva.

Em Chaves, também. O [Engenheiro] Jorge Silva é impecável! Extraordinariamente cuidadoso e dedicadíssimo na procura do afinar do betão.

6. Porto Alegre, Brasil, 2001-2008.





FG + SG | Architectural Photography

E tivémos muita sorte, porque a meio da obra mudou o empreiteiro! O primeiro empreiteiro, seguindo uma tendência que já se vai tornando habitual em Portugal, teve de abandonar a obra. E era bom!, era muito bom! (Nesta situação de crise, com a falta de trabalho, os empreiteiros dão preços incríveis; por vezes, preços mais baixos que aqueles que nós orçamentámos!). Julgo que, neste caso, o empreiteiro não chegou a falir; mas não podia mais e abandonou a obra. Já estava a maior parte do betão feito (e bem feito!); no entanto, foi tão consciencioso que deixou o encarregado dele durante algum tempo para fazer a passagem do testemunho ao empreiteiro seguinte. Este foi também um bom executante e no betão nem se nota a diferença dos trabalhos...

Claro que isto teve outras consequências; foi um processo lentíssimo: a paragem, o recomeço, o concurso para escolha do novo empreiteiro... Mas no meio destas vicissitudes, que no geral acabam mal, esta obra acabou por correr muito bem, e houve sempre um grande apoio por parte da Câmara.

MGD – Chaves, neste momento, dispõe de alguns valores suficientemente fortes para atrair o chamado turismo cultural: um património monumental romano, de que a Ponte de Trajano (século I a.C.) e as Termas, recentemente postas a



FG + SG | Architectural Photography



FG + SG | Architectural Photography

descoberto no Arrabalde, frente ao Tribunal, são um incrível testemunho; a Colecção Nadir Afonso que se espera venha a ocupar as galerias da Fundação, numa oportunidade rara de ver em conjunto grande parte da obra do Mestre flaviense; um edifício projectado de raiz para a mesma Fundação, assinado por Álvaro Siza... Concorda comigo? Que deverá fazer a Câmara Municipal de Chaves, no sentido de explorar melhor esta tripla valência: Património Romano, Nadir Afonso, Siza Vieira?

AS – Chaves, por um lado, tem um tesouro

debaixo da terra (as piscinas romanas recentemente descobertas indiciam-no), por outro lado — que não deixa de ser positivo —, agora, em cada cova que se faça, vai aparecer um vestígio, um templo, uma casa; porque a dimensão daquelas piscinas mostram que havia ali uma importantíssima cidade romana.

Outra condição muito boa, é Chaves ficar tão perto de Espanha. A cidade pode, a partir da Fundação [Nadir Afonso], transformar-se num grande centro cultural. Penso que se estão a



FG + SG | Architectural Photography



MGD

encaminhar no sentido de fazer protocolos com museus em Espanha, onde há também muita coisa, ali relativamente perto. E o facto de ser uma cidade termal, também chama muita gente. Gente que tem tempo e vontade de cultura!

MGD – Para quando está prevista a abertura da Fundação ao público? Já existe uma data?

AS – Não sei! Não faço ideia! Eu acho que se está sempre à espera de eleições... A obra, pelo menos, está pronta!

FICHA TÉCNICA

ARQUITECTURA

Arquitecto:  
Álvaro Siza Vieira

Construção:  
Arquitecto coordenador: Álvaro Fonseca (2011-2015)

Projecto de Execução:  
Arquitecto coordenador: Paulo Teodósio (2009-2011)  
Colaboradores: Lola Bataller Alberola

Projecto de Licenciamento:  
Coordenador: José Carlos Oliveira (2008)

Estudo Prévio:  
Arquitecto coordenador: Avelino Silva (2004-2008);  
Tatiana Berger (2003-2004)

Colaboradores:  
Rita Amaral; Álvaro Fonseca; Marco Rampulla; Kenji Araya

PROJECTOS TÉCNICOS:

Estruturas  
GOP, Lda;  
Eng.º Jorge Nunes da Silva  
Eng. Filipa Abreu

Projecto de Electricidade e Segurança  
GOP, Lda  
Eng.º Alexandre Martins (GPIC, Lda)

Projecto de Avac  
GOP, Lda  
Eng.º Raul Bessa (GET, Lda)

Projecto de Águas e Saneamento  
GOP, Lda  
Eng.º Raquel Fernandes

Projecto de Condicionamento Acústico  
GOP, Lda  
Eng. Octávio Inácio (InAcoustics, Lda)

Projecto do espaço exterior  
Atelier do Beco da Bela Vista, Lda  
Arq. Paisagista Luís Guedes de Carvalho

## MAIS DO QUE UMA PLACA DE GESSO GYPTEC TEM A SOLUÇÃO

### *Placas de gesso Gyptec Material de construção de excelência*

As placas de gesso Gyptec são uma presença incontornável nas principais obras dos últimos anos em toda a Península Ibérica.

Empresa pioneira em Portugal na produção de placas de gesso, a Gyptec Ibérica acumula a vantagem de estar integrada num grupo de capital nacional que reúne várias empresas produtoras de materiais de construção: o grupo Preceram.

Esta singularidade, bem como as várias parcerias que tem estabelecido, permite-lhe estar na linha da frente quando se trata de soluções integradas para o mercado da construção e reabilitação. Soluções para paredes exteriores, divisórias interiores e para pavimentos e tetos.



### *Desenvolvimento tecnológico*

A Gyptec Ibérica desenvolve soluções resistentes ao fogo, impacto e humidade, com elevado desempenho acústico e térmico, adaptadas às exigências dos projetos atuais. Ao longo dos últimos anos a Gyptec Ibérica, em colaboração com o Instituto de Investigação e Desenvolvimento Tecnológico em Ciências da Construção (ITeCons) e a Universidade de Coimbra, tem desenvolvido um trabalho constante de investigação e ensaios à escala real de soluções para construção e reabilitação.

Estes resultaram em vários relatórios científicos já publicados e num Manual de boas práticas referentes aos sistemas em placas de gesso recentemente editado.



### *Apoio, acompanhamento e certificação*

As centenas de sistemas testados e caracterizados para paredes, revestimentos, tetos e divisórias interiores, estão disponíveis na plataforma online Gestor de Soluções.

Esta ferramenta permite o acesso instantâneo a toda a documentação técnica, características e preços que poderão facilmente ser impressos ou exportados para o computador. Deste modo terá ao seu dispor a seleção das soluções que melhor se adaptam aos requisitos que pretende, conseguindo maior rigor no planeamento dos custos e um cálculo global mais próximo da realidade de cada projeto.

Pode ainda contar com a equipa técnica Gyptec, sempre disponível para o aconselhar e informar acerca dos produtos e sistemas, apoiando-o desde o projeto à obra.



mais informações em [www.gyptec.eu](http://www.gyptec.eu)

#### **Gyptec Ibérica - Gessos Técnicos S.A.**

Parque Industrial e Empresarial da Figueira  
da Foz, Lote 3 - S. Pedro  
3090-380 Figueira da Foz, Portugal

T (+351) 233 403 050  
F (+351) 233 430 126  
[apoiotecnico@gyptec.eu](mailto:apoiotecnico@gyptec.eu)